



### A HARMONIA ENTRE FÉ E RAZÃO NA PATRÍSTICA: REFLEXÕES SOBRE O *LOGOS* E A BUSCA PELA VERDADE E A FELICIDADE

Pablo Gatt<sup>1</sup>

Professor Doutor (UFES)



<https://orcid.org/0000-0003-2410-2645>

Recebido em: 18 de julho de 2024

Aprovado em: 07 de novembro de 2024

#### RESUMO

Este artigo investiga a relação entre fé e razão na Patrística, destacando como essa interação foi essencial tanto para a formulação da doutrina religiosa quanto para a busca pela Verdade e pela felicidade humana. Através da análise dos pensamentos dos Pais da Igreja, como Justino Mártir, Orígenes, Clemente de Alexandria, Ambrósio de Milão e Agostinho de Hipona, investigaremos como o conceito de *Logos* foi integrado e reinterpretado na construção da doutrina cristã, oferecendo novas perspectivas sobre a relação entre fé e razão na tradição Patrística. A integração dessas ideias conduziu os Pais da Igreja a um diálogo profundo com a Metafísica de Aristóteles, na qual encontraram justificativa para o papel ativo e movimentador dos seres. Esse diálogo permitiu-lhes harmonizar a revelação divina com a razão humana, estabelecendo uma compreensão mais rica e abrangente do mundo. Dessa forma, o estudo sublinha a importância da interação entre fé e razão na formação do pensamento cristão, evidenciando seu

---

<sup>1</sup> Doutor em História Medieval pelo Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, professor no Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo, na modalidade EAD/UFES, e coordenador de Pesquisa e Extensão no Centro Universitário Multivix – Vitória. Membro do Laboratório de Estudos Tardo-Antigos e Medievais Ibéricos/Sefaradis (LETAMIS/UFES) e do Grupo de Pesquisa Brathair – Grupo de Estudos Celtas e Germânicos (UEMA). E-mail: [gattpablo@gmail.com](mailto:gattpablo@gmail.com).



impacto duradouro na tradição teológica e filosófica, bem como a busca pela Verdade e pela felicidade como o fim último do homem.

### PALAVRAS-CHAVE

Patrística; Fé; Razão.

## Introdução

As controvérsias entre fé e razão têm sido um tema central ao longo dos séculos nos campos de estudos dedicados à compreensão do divino. Na era cristã inicial, os representantes da Patrística<sup>2</sup> exploraram intensamente a interação entre fé e razão em suas abordagens filosóficas e teológicas, reconhecendo sua importância fundamental para a compreensão da doutrina religiosa. Esta interação deu origem a debates teológicos e filosóficos vigorosos, que buscavam conciliar a revelação divina com a razão humana.

A influência da filosofia grega, especialmente de pensadores como Aristóteles e Platão, foi crucial para as reflexões de figuras proeminentes como Justino Mártir, Orígenes, Clemente de Alexandria, Ambrósio de Milão e Agostinho de Hipona, os Pais da Igreja<sup>3</sup>. Esses homens exploraram temas como

---

<sup>2</sup> Designa a reflexão empreendida pelos Pais da Igreja mediante a assimilação da filosofia helênica e da *paideia* greco-romana aos discursos de fé dos Cristianismos dos primeiros séculos. Dessa junção se forma a Patrística.

<sup>3</sup> Do latim *pater*, os Pais ou Padres da Igreja foram importantes teólogos da Igreja dos primeiros séculos que, a partir da segunda metade do século IV, exerceram enorme influência na formulação da doutrina cristã. São os homens que *cunharam a vida da comunidade católica*, que ensinaram e permaneceram na fé. A partir do século IV, pelo decreto *De libris recipiendis et non recipiendis*, o termo se concentra em todos representantes da tradição eclesiástica, logo em seguida aplicado aos que levaram uma vida monástica ou asceta. Por fim, a ortodoxia ou heresia de uma doutrina será avaliada por meio dos ensinamentos deixados por eles, pois inauguraram a “ciência” teológica e foram a centralidade da palavra de Deus. A palavra Pai, referenciando-se aos Padres da Igreja, foi usada pela primeira vez pelo protestante alemão J. Gerhard (1637). A Patrologia refere-se ao estudo da vida e dos escritos dos Padres da Igreja pela pesquisa



a natureza de Deus e a sua assimilação com o *Logos* grego, a relação entre fé e razão, a busca pela Verdade e a felicidade como o fim último do homem. Assim, esses temas convergiam e justificavam a concepção do Deus cristão como a razão por trás de tudo, incentivando os pensadores patrísticos a investigarem a racionalidade divina e sua relação com a criação.

Essa integração levou os Padres da Igreja a dialogarem com a *Metafísica* de Aristóteles, encontrando nela uma justificação para harmonizar a revelação divina com a razão humana na compreensão do mundo. Assim, este artigo destaca a importância duradoura da interação entre fé e razão na formação do pensamento cristão, influenciando profundamente a tradição teológica e filosófica ao longo dos séculos. Dessa forma, a interação entre fé e razão na Patrística não apenas enriqueceu o pensamento cristão da época, mas também estabeleceu as bases para o desenvolvimento posterior da teologia e da filosofia, deixando um legado significativo na compreensão da relação entre fé e razão na tradição cristã.

## O logos criador? A interseção entre fé cristã e filosofia grega

O movimento da Patrística firmou temas centrais que já eram discutidos entre os apóstolos e discípulos de Cristo, como o batismo e a Graça, além de consolidar a concepção do Deus cristão como o princípio de tudo. Entretanto, essa última concepção transcendeu os ditames teológicos e adentrou as searas

---

historiográfica. Pablo Gatt, “Do discurso minoritário à ascensão ao poder: o Cristianismo dos primeiros séculos e o processo de aculturação”, *Revista Ágora* (Vitória), v. 29, p. 221-236, 2019; Luigi Padovese, *Introdução à teologia patrística*, São Paulo, Edições Loyola, 1999.



filosóficas dos primeiros séculos da era cristã, visto que a ideia de algo como a causa de todas as coisas encontra suas raízes na *Metafísica* de Aristóteles<sup>4</sup>.

Como a disciplina mais geral e primeira das ciências filosóficas, a *Metafísica* serviu de embrião para o desenvolvimento posterior da filosofia cristã, além de ser considerada a gênese da indagação filosófica que permitiu à análise cristã associar o divino a esse agente causador. Dessa forma, a obra de Aristóteles não apenas influenciou a Patrística, mas também estabeleceu as bases para a teologia e a filosofia da Idade Média<sup>5</sup>.

Esse alargamento da seara teológica trouxe interrogações ao processo de constituição da doutrina religiosa enquanto dogma no decorrer dos primeiros séculos da era cristã. Isso porque, a associação do Deus cristão como o agente causador implicaria em atrelar a razão filosófica grega, o *Logos*<sup>6</sup>, aos princípios da fé cristã. Logo, essa aproximação para certos pensadores cristãos foi entendida como uma filosofia racional sobre o divino, enquanto outros a viam como uma

---

<sup>4</sup> Aristóteles, *Metafísica*, E 1, 1025, 1-102 23. Aristóteles, *Metafísica: ensaio introdutório*, São Paulo, Loyola, 2005. 3v.

<sup>5</sup> Ao longo dos séculos, essa integração entre filosofia aristotélica e teologia cristã encontrou seu ápice na obra de Tomás de Aquino. Aquino, ao conciliar a razão neoaristotélica com a fé cristã, criou uma síntese que marcou profundamente o pensamento ocidental. Seu trabalho na *Summa Contra Gentiles* e outros escritos exemplificou como a razão e a fé podem coexistir harmoniosamente na busca pela verdade. A *Metafísica* de Aristóteles, como o embrião das ciências filosóficas, proporcionou uma base sólida para que pensadores cristãos pudessem elaborar uma compreensão mais profunda do divino e da realidade, unindo filosofia e teologia em uma busca comum pela verdade. Assim, a herança intelectual deixada por Aquino e seus contemporâneos foi fundamental para o desenvolvimento do pensamento ocidental, influenciando gerações posteriores e moldando a história da filosofia e teologia. Ver mais em: Tomás de Aquino. *Suma contra os gentios*, Trad. de Odilão Moura, Porto Alegre, EST/SULINA/UCS, 1990. v. 1; Aristóteles, *Metafísica: ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale*, São Paulo, Loyola, 2005.

<sup>6</sup> Nesse quadro de aproximações a concepção de *Logos* estoica já estava disseminada pelas correntes filosóficas do helenismo greco-romano, sendo o *Logos* entendido por ambas as tradições como o princípio da ordem universal e a lei do universo, sobre a qual se devem fundar as leis políticas e as leis morais. Como lei do universo, o *Logos* é a lei natural, que prescreve o destino de cada coisa, seu tempo e seu lugar, eliminando a ideia de acaso. Ver em: Dax Moraes, *O Logos em Fílon de Alexandria: a fronteira entre o pensamento grego e o pensamento cristão nas origens da teologia bíblica*, EDUFERN, 2017.



teologia revelada, na medida em que essas interrogações emergiram diante dos sincretismos culturais entre os movimentos cristãos, as ramificações judaicas<sup>7</sup> e a filosofia do helenismo<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Na perspectiva judaica, temos Fílon de Alexandria que compreendeu o *Logos* grego como o Deus eterno (*De Plantatione*, 1963c, §18, p. 32), como o único sábio (*De confusione linguarum*, 1963d, §94, p. 91), sendo que por Ele a revelação divina é o meio excepcional para adquirir a sabedoria necessária. Essas reflexões realizadas por Fílon remontam aos movimentos pré-socráticos, em que nessas correntes a terminologia do *Logos* significa “palavra” ou “razão”. É no seguimento desse pensamento, que no texto bíblico, o *Logos* pode ser entendido como a palavra criadora ou a Sabedoria, ambas personificadas em uma única figura, Deus. Assim, para Fílon, o *Logos* assumiu a função de guiar o homem para o bem e pela palavra que salva, o *Antigo Testamento*, e segundo Fílon, em *De Somniis* (1962c, I, §§157-158, p. 89), é o *Logos* quem mantém o mundo unido e conservado pela própria norma que o governa. Fílon de Alexandria, *De somniis*. Trad. para o francês e introdução por Pierre Savinel, Paris, Cerf, 1962c. Les œuvres de Philon d’Alexandrie, v. 19. [Edição bilíngue grego/francês.]; Fílon de Alexandria, *De plantatione*. Trad. para o francês e introdução por Jean Pouilloux, [Edição bilíngue grego/francês.], Paris, Cerf, 1963c. Les œuvres de Philon d’Alexandrie, v. 10. [Edição bilíngue grego/francês.]; Fílon de Alexandria, *De confusione linguarum*, Trad. para o francês e introdução por J. G. Kahn, Paris, Cerf, 1963d. Les œuvres de Philon d’Alexandrie, v. 13. [Edição bilíngue grego/francês.].

<sup>8</sup> Entendemos o helenismo como um movimento cultural heterogêneo, de modificações internas, promovido pelo contato com os povos gregos e aculturados, como os persas e egípcios, tendo como objetivo levar o modo de vida grego aos demais. Com isso, foi promovido localmente o processo de helenização, na medida em que essas transformações causaram um quadro de flexibilizações, hibridizações e invenções nas demais culturas, que abrangeu desde a religião, a língua, as ações políticas e cotidianas. Durante o Período Helenístico (323-146 a.E.C.), também surgiram algumas correntes filosóficas que demandavam um *ethos* a ser seguido, como a forma superior da felicidade, em que o filósofo, na qualidade de sagrado, seria aquele que ajudaria o homem a alcançar a tranquilidade. Podemos enquadrar o surgimento do epicurismo, do ceticismo e do estoicismo nesse contexto, em que o homem estivera no cerne dessas filosofias. Inclusive, essa última influenciará os Cristianismos iniciais por um modelo, uma práxis social, a ser seguida no que concerne ao repúdio ao apetite sexual, ao domínio das paixões e dos vícios. Esse processo de interações culturais, provenientes de interações e aproximações entre os grupos, recebeu o nome de Helenismo, conceito cunhado pelo historiador alemão Johann Gustav Droysen no decorrer do século XIX. O Período Helenístico acaba quando Roma domina e agrega a Grécia ao seu território, em 146 a.E.C., mas o movimento cultural e filosófico do Helenismo não findou, pois coadunou com as necessidades da organização político-social de Roma, sendo adotado pelos mesmos e imposto aos territórios que eram dominados. Nesse sentido, o helenismo grego foi possibilitador de interações culturais que ocorreram ao longo do Mediterrâneo Ocidental e Oriental e devido aos movimentos expansionistas que foram promovidos posteriormente pelo Império Romano. Portanto, o Período Helenístico e o processo de helenização foram os responsáveis pelo contato entre a cultura grega e judaica, o que faz de Paulo, no primeiro século da era cristã, um judeu helenizado e instruído nos pilares da cultura grega. Ver em: Miguel Spinelli, “A ascensão do Cristianismo como elemento unificador na Crise do III século. Da helenização macedônica à cristianização romana”. In: Semíramis Corsi Silva; Moisés Antiquera,



Ademais, para entendermos a influência da razão filosófica greco-romana nos entendimentos de fé, é essencial compreender primeiro a concepção de *Logos* imanente, pois é nessa conjectura que a razão aparece nos ditames teológicos cristãos. Nesse sentido, o *Logos* grego, entendido como o princípio da ordem universal e a lei do universo, foi fundamental para a formulação das leis políticas e morais.

Na perspectiva cristã, Orígenes, em sua obra *Contra Celso* (248), apropriou-se desse conceito para explicar a divindade de Cristo e validar racionalmente a encarnação do Nazareno. Ele identificou o Filho como o *Logos* e argumentou que, durante o episódio da encarnação (*I Cor.* 15: 20), a essência do *Logos* não foi alterada: “Ainda que, assumindo um corpo e uma alma humana, o *Logos*, Deus Imortal, parece a Celso mudar e se transformar, saiba Celso que o *Logos*, que permanece *Logos* por sua essência, nada sofre com os sofrimentos do corpo e da alma”<sup>9</sup>. Portanto, na perspectiva de Orígenes, o Cristo-*Logos* é a gênese metafísica reguladora do universal.

Orígenes, educado nos princípios intelectuais do helenismo pela Escola de Alexandria, foi uma figura chave na promoção do “diálogo entre a filosofia e o Cristianismo, numa tentativa de fusão das duas”<sup>10</sup>. Na perspectiva teológica do autor, essa circularidade das ideias entre ambos os campos promove a dedicação ao estudo exegético das Sagradas Escrituras e enriquece os estudos filosóficos-teológicos. Ao enfatizar o método alegórico<sup>11</sup>, Orígenes categorizou as

---

(Org.), *O Império Romano no Século III: Crises, Transformações e Mutações*, 1ª ed, São João de Meriti, RJ, Desalinho, 2021, v. 1, p. 215-254.

<sup>9</sup> Orígenes, *Contra Celso*, Livro IV, 15. Origen, *Contra Celsum*, Tradução e notas de Henry Chadwick, Cambridge, Cambridge University, 1953.

<sup>10</sup> Italo Lemos Vieira; Vinicius da Silva Vieira, “Patrística ambrosiana: aspectos filosóficos e contribuições para a Teologia”, *Revista Reflexus*, n. 24, p. 623-625, 2020.

<sup>11</sup> Modo sistemático de interpretação que consistem em representar as coisas de forma figurada, por símbolos. É um modo de leitura e também um método de interpretação das verdades morais e teológicas recônditas nas narrativas bíblicas.



interpretações das *Sagradas Escrituras* em sentidos alegórico e literal. Para ele, o sentido alegórico representava um nível além do real, revelando verdades morais adquiridas pelo sentido espiritual. Em contrapartida, o sentido literal dizia respeito à verdade histórica. Esse método hermenêutico permitiu perceber o entrelaçamento entre filosofia/razão e Cristianismo/revelação, evidenciando como o pensamento filosófico pode complementar e aprofundar a compreensão teológica.

Recorrendo, portanto, a esse método hermenêutico, Orígenes tratou do conflito entre razão e revelação. Nesse sentido, foi a partir da leitura alegórica que ele interpretou o significado de diversas declarações bíblicas que supostamente serviriam de escândalo para racionalidade filosófica. Orígenes, então, justificou a validade dessas declarações considerando que, para além da simples apreensão literal do texto, havia um sentido espiritual que legitimaria o valor da narrativa em questão, permeada de absurdos que estivesse<sup>12</sup>.

A dedicação de Orígenes ao estudo exegético e seu esforço em justificar os empréstimos da filosofia grega ao Cristianismo exemplificam a importância do diálogo entre diferentes tradições intelectuais para o desenvolvimento do pensamento cristão. Sua abordagem alegórica permitiu que verdades espirituais fossem extraídas das Escrituras, demonstrando como a razão filosófica pode ser aplicada na interpretação teológica.

Essa aproximação com a filosofia grega por Orígenes visava a validação racional da fé cristã e a ideia da existência de Deus atrelada ao tempo e à história, sendo a filosofia grega o elemento indispensável para a estruturação dessa síntese dogmática. Para validar essa concepção, Orígenes construiu um axioma, uma sentença que goza de particular dignidade (cf. grego *ἀξίωμα*) e autoridade, como o dogma. Enquanto princípio que não tem necessidade de ser demonstrado, ou princípio primeiro, é admitido por todos e, portanto, absoluto

---

<sup>12</sup> Daniel Ribeiro de Almeida Chacon, “Fé cristã e filosofia na antiguidade tardia”, *Revista Intuito*, v. 12, p. 1-28, 2019.



e normativo. Um exemplo clássico de axioma é “deve-se fazer o bem e evitar o mal”. Esse axioma defendido por Orígenes simboliza a união entre a revelação bíblica e o viés especulativo provindo da racionalidade filosófica grega.

As questões em torno do *Logos*, do mesmo modo, já se faziam presentes nas *Apologias* de Justino Mártir, que utilizou estilos literários próprios da filosofia grega, completamente diversos da literatura cristã de até então, como apologia e diálogo<sup>13</sup>. O apologista compreendeu o *Logos* como algo gerado e agente de Deus, visto que, em sua perspectiva cristã, esse *Logos* foi entendido como “o Verbo que está em tudo, e foi quem predisse o futuro através dos profetas”<sup>14</sup>. Desse alinhamento, Justino associou essa concepção do *Logos* dos filósofos gregos com a Sabedoria divina, sendo Cristo o Verbo encarnado ou o próprio *Logos*: “Nós recebemos a revelação de que Cristo é o primogênito de Deus e, anteriormente, já afirmamos que Ele é o *Logos* do qual todo o gênero humano participa”<sup>15</sup>.

Para justificar essa associação, Justino seguiu a premissa judaica do *Logos* em seu sentido literal de “palavra” e respaldou-se nos ensinamentos do *Evangelho de João*, em que: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito”<sup>16</sup>. Sendo assim, o *Logos* para Justino está na Criação e não somente presente em Deus, mantendo afeita ligação com Ele.

Se aceitarmos a doutrina do *Logos* de Fílon e a combinamos com São João, que parece ser a síntese feita por São Justino, temos que o princípio universal que gera o mundo a partir de si mesmo, deixando rastros de sua presença metafísica na imanência do criado, é uma continuação do próprio Deus, que no cristianismo tem nome, chama-se

---

<sup>13</sup> Bernardo Pinto de Albuquerque. “A nova relação entre fé e razão instaurada em São Justino”, *Medievalis*, v. 8, n. 2, p. 1-19, 2019.

<sup>14</sup> Ver em: Justino Mártir, *II Apologia* X, 1; *II Apologia*, X, 8. Justino de Roma, “II Apologia”. In: Justino de Roma, *I e II Apologias; Diálogos com Trifão*, Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin, São Paulo, Paulus, 1998.

<sup>15</sup> Justino Mártir, *I Apologia*, I, XLVI, 2.

<sup>16</sup> *João*, 1: 1-3.



Jesus de Nazaré. E se esse Jesus, ao mesmo tempo Deus é princípio que rege a imanência e confere razão aos homens, é eterno – porque Deus é eterno – ele existe antes da revelação por meio da encarnação. Se existe antes da encarnação e de fato foi responsável pela geração do mundo, deixando um rastro de razão no gênero humano feito à imagem e semelhança de Deus, todos quantos se aproximaram do *Logos* se aproximaram da verdade, se aproximaram do Cristo, caminho, verdade e vida, segundo palavras próprias no Evangelho segundo São João, capítulo 14, versículo 6<sup>17</sup>.

Pela perspectiva justiniana, assistimos à assimilação do *Logos* como o princípio regulador do universo, pois é Ele quem conduz e age no decurso da natureza e do mundo. Para Justino, é o *Logos* quem apreende o tempo e o homem. Ele é o princípio vital do universo, e o ser humano, como criatura racional, é participante desse *Logos*. Corolário a essa hipótese, Justino afirma que Deus “criou o gênero humano racional capaz de escolher a verdade e praticar o bem, de modo que não existe homem que tenha desculpa diante de Deus, pois todos foram criados racionais e capazes de contemplar a verdade”<sup>18</sup>.

Na construção da ponte entre os campos do Cristianismo e da filosofia pagã, Justino prossegue com a sua aplicabilidade da justificação racional para a fé cristã.<sup>19</sup> Ele considera que a “Filosofia é a ciência do ser e do conhecimento da verdade, sendo a felicidade a recompensa dessa ciência e desse conhecimento”<sup>20</sup>. Justino ainda completa que “a Filosofia é o maior e o mais precioso bem diante de Deus, para a qual somente ela nos conduz e nos associa. Na verdade, santos são aqueles que consagram à Filosofia a própria inteligência”<sup>21</sup>. Com isso, compreendemos que sua atuação vai além das apologias da fé cristã: Justino

---

<sup>17</sup> Bernardo Pinto de Albuquerque, “A nova relação entre fé e razão instaurada em São Justino”, *Medievalis*, v. 8, n. 2, p. 1-19, 2019.

<sup>18</sup> Justino Mártir, *I Apologia*, XXVIII, 3.

<sup>19</sup> *I Apologia*, XLVI, 2,

<sup>20</sup> Justino Mártir, *Diálogo com Trifão*, 3, 4. Ver em: Justino de Roma, “Diálogo com Trifão”, In: Justino de Roma, *I e II Apologias; Diálogos com Trifão*, Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin, São Paulo, Paulus, 1998.

<sup>21</sup> Justino Mártir, *Diálogo com Trifão*, 2, 1.



desempenha um papel fundamental ao promover o diálogo entre a razão e a fé, que se inicia nos primeiros séculos da era cristã, estabelecendo um espaço de integração entre pensamento filosófico e doutrina cristã.

Ao mesmo tempo em que Justino empreende esse esforço de conciliação, o apologista defendeu que essa verdade filosófica racional compreende somente uma modesta parte dos conteúdos pertencentes à inteligência cristã, sendo que a verdade em sua completude residiria na fé cristã, como a Filosofia segura e proveitosa<sup>22</sup>. Portanto, a dedicação de Justino ao estudo exegético e seu esforço em justificar os empréstimos da filosofia grega ao Cristianismo exemplificam a importância do diálogo entre diferentes tradições intelectuais para o desenvolvimento do pensamento cristão. Sua abordagem alegórica permitiu que verdades espirituais fossem extraídas das Escrituras, demonstrando como a razão filosófica pode ser aplicada na interpretação teológica.

Essa integração da filosofia grega com o Cristianismo, iniciada por Justino e continuada por outros pensadores, como Orígenes, representou um marco fundamental na evolução do pensamento cristão. Ao unir razão e fé, Justino e seus contemporâneos abriram caminho para uma compreensão mais abrangente e coerente da doutrina cristã, influenciando profundamente o desenvolvimento teológico e filosófico subsequente. Por outro lado, Clemente de Alexandria, nessa mesma aproximação aos princípios do helenismo, concebeu o Cristianismo como a única filosofia definitiva e superior. Ele argumentou que as filosofias propagadas pelo pensamento helênico, como o estoicismo<sup>23</sup>, serviam apenas

---

<sup>22</sup> Justino Mártir, *Diálogos com Trifão*, 8, 1.

<sup>23</sup> O estoicismo foi criado por Zenão de Cício (335-263 a.E.C.). Essa filosofia nasceu em Atenas no final do século IV a.E.C., como uma filosofia moral. O estoicismo propõe uma resposta moral às dúvidas dos cidadãos mediante a participação na vida política. Prega a existência de um único mundo, assim como um único Deus imortal que tudo governa. Esse movimento defendeu a premissa de que os homens são passivos, mesmo que parcelas do *Logos* divino. De alma imortal, esses homens procuram a confirmação da realidade diante dos fatos. Foi um movimento



como guias para aqueles que não conheciam as verdades da Lei mosaica. Para ele, “[...] a filosofia helênica não compreende toda a extensão da verdade e, além disso, é destituída de força para cumprir os mandamentos do Senhor”<sup>24</sup>.

Como solução para esse impasse, Clemente assimilou Cristo Jesus como “o *Logos*, como *paedagogus* por excelência que instruía, mas sobretudo, exortava, para que fosse possível criar uma disciplina no corpo e na alma, que tornasse o homem apto a receber os ensinamentos divinos”<sup>25</sup>. Nessa contenda, Clemente também enalteceu a figura do apóstolo como aquele “que designa a doutrina que é segundo o senhor, a sabedoria de Deus, a fim de mostrar que a verdadeira filosofia tinha sido comunicada pelo Filho”<sup>26</sup>.

Apesar de suas críticas às filosofias helênicas, o teólogo utilizou a argumentação filosófica e a literatura clássica para reforçar a exortação à fé cristã. “Com sua alma grega e inspiração poética, Clemente desenvolveu uma retórica filosofante que partia da fé cristã como elemento fundamental na busca da verdade”<sup>27</sup>. Corolário a essa circularidade das ideias, sua vasta erudição reflete, possivelmente, o ápice da cultura literária do século II d.C., conhecida como a Segunda Sofística, que valorizava não apenas a forma e o impacto dos discursos, mas também a profundidade de seu conteúdo, com o objetivo de tornar os autores helênicos dignos de serem consultados. Assim, vemos a importância da retórica helênica quando o Pai da Igreja argumenta que: “O apóstolo designa a

---

amplamente difundido em Roma, principalmente por Lúcio Aneu Sêneca (04-65), e que influenciou inclusive os Cristianismos quanto à questão do ascetismo. Ver mais em: Maria da Gloria Novak, “Estoicismo e Epicurismo em Roma”, *Letras Clássicas*, n. 3, p. 257-273, 1999.

<sup>24</sup> Clemente de Alexandria, *Stromata*, I, 16, 80, 5. Ver em: Clemente de Alexandria, *Les Stromates: Stromate I*, Traduction por Marcel Caster, Paris, Cerf, 1951.

<sup>25</sup> Lais Boveto; Terezinha Oliveira, “A potencialidade na filosofia da educação antiga e medieval”, *Educação e Filosofia*, v. 35, n. 7, p. 1-34, 2021.

<sup>26</sup> Clemente de Alexandria, *Stromata*, I, 18, 90, 1.

<sup>27</sup> Daniel Ribeiro de Almeida Chacon, “Fé cristã e filosofia na antiguidade tardia”, *Revista Intuito*, v. 12, p. 1-28, 2019.



doutrina que é segundo o Senhor, ‘a sabedoria de Deus’, a fim de mostrar que a verdadeira filosofia tinha sido comunicada pelo Filho”<sup>28</sup>.

Clemente utilizou essa notável habilidade retórica para apresentar o Cristianismo como a verdadeira filosofia, legitimando-o no diálogo com a tradição intelectual de sua época. Nesse sentido, Clemente argumentava que tanto a filosofia grega quanto a lei mosaica, seguindo o curso natural da razão, convergiam para o Cristianismo, submetendo-se, em última análise, à autoridade e avaliação da revelação cristã<sup>29</sup>. Assim, esse exercício refletia uma única prática espiritual, em que para ele: “A vida cristã, da qual falamos agora, é um ajuntamento de ações razoáveis, isto é, que são conduzidas pela razão. É isso que chamamos de fé, que é um hábito firme e constante, com o qual não podemos nos desviar”<sup>30</sup>.

A integração da filosofia grega à fé cristã representou uma abordagem radical para sua época, em que, para o Pai da Igreja, a filosofia servia como uma aliada da fé. Clemente via a fé não apenas como um ato de devoção, mas também como um caminho racional para o conhecimento verdadeiro de Deus<sup>31</sup>. Ele argumentava que os falsos sábios, presunçosos de sua sabedoria, eram cegados pelo orgulho, enquanto apenas Cristo, personificado pelo *Logos*, poderia iluminar o caminho do homem em direção à salvação<sup>32</sup>.

A síntese entre a filosofia grega e a fé cristã, promovida por Clemente, não apenas enriqueceu o entendimento teológico, mas também fortaleceu a base racional da doutrina cristã. Ao integrar a sabedoria clássica com os ensinamentos

---

<sup>28</sup> Clemente de Alexandria, *Stromata*, I, 18, 90, 1.

<sup>29</sup> Clemente de Alexandria, *Exortação aos gregos*, V, 66, 5. Ver em: Clemente de Alexandria, *Exortação aos gregos*, Tradução de Tira de Cássia Codá dos Santos, São Paulo, Realizações, 2013.

<sup>30</sup> Clemente de Alexandria, *O pedagogo*, liv. I, cap. XIII. Ver em: Clemente de Alexandria, *O Pedagogo*, Campinas, SP, Ecclesiae, 2014.

<sup>31</sup> Clemente de Alexandria, *Stromata*, 20, 100.

<sup>32</sup> Clemente de Alexandria, *O pedagogo*, cap. VI, §12.



revelados, Clemente demonstrou como essa união proporcionou uma compreensão mais profunda da verdade espiritual. Ademais, o conceito de *Logos*, desenvolvido pelos primeiros Pais da Igreja, foi fundamental para incorporar os princípios da razão filosófica aos preceitos da fé cristã. Esta integração alcançou destaque nas discussões filosóficas de Agostinho de Hipona, onde fé e razão convergiram em busca de um objetivo maior: a felicidade, ou *beata uita*, como a verdade que define o indivíduo enquanto cristão.

### Fé e razão em prol da felicidade na patrística

Para entendermos as complexidades das discussões sobre fé e razão na continuidade das reflexões filosóficas e teológicas dos Pais da Igreja, é fundamental explorarmos novas perspectivas emergentes, especialmente a busca pela Verdade e a felicidade que define o indivíduo enquanto cristão. Nesse contexto, Agostinho de Hipona fundamentou sua teologia em uma base neoplatônica<sup>33</sup>, atribuindo também à razão um papel crucial na apreensão das verdades divinas.

---

<sup>33</sup> Para o leitor compreender a diferença entre pensamentos no que diz respeito aos personagens históricos, precisamos primeiro situá-los em suas correntes filosóficas e em condições sócio-históricas de produção. Agostinho de Hipona escreve sob a influência do neoplatonismo, uma corrente filosófica difundida por Plotino (205-270) e que ganhou forças, sobretudo, no período pós-helenismo. Como o próprio nome diz, essa corrente está enraizada no pensamento de Platão, que defendia a concepção do mundo pela perspectiva da dualidade. Assim, em sua obra *De civitate Dei* (II, Livro XII, Cap. XXVII), Agostinho segue os ensinamentos de Platão ao conceber o mundo em sua dualidade, pelo mundo do divino, como superior, e o mundo terrestre, como inferior. Essa defesa segue a teoria do mundo das ideias proposto por Platão, sendo esse mundo perfeito e contrário ao mundo dos sentidos, o mundo dos homens. Logo, os homens só chegariam ao conhecimento do mundo perfeito por meio da razão. Nesse sentido, Agostinho acredita que a doutrina neoplatônica auxiliará a fé cristã a defender-se mediante argumentos racionais. Ver mais: Agostinho de Hipona, *Cidade de Deus*, vol. II, Tradução B. Dombart e A. Kalb, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000; José Maia Neto, *Descartes e a Teologia: entre o Molinismo e o Agostinismo*, *Analytica*, v. 2, n. 2, p. 187-201, 1997.



O bispo de Hipona compreendeu a razão pela terminologia de *ratio*, distinguindo-a em duas dimensões distintas: a *ratio superior* e a *inferior*. A *ratio superior* é a responsável por captar as verdades inteligíveis, equiparando-se aos termos *intellegentia* ou *intellectus*, que representam a faculdade mais elevada da alma humana. Por outro lado, a *ratio inferior* se refere “à apreensão e elaboração do conhecimento ligado à realidade sensível (ciência)”<sup>34</sup>.

Para Agostinho, tanto a *ratio superior* como a fé desempenhariam um papel crucial como condição essencial para a compreensão da verdade divina. Entretanto, ele argumenta que a fé não é meramente um ato de devoção, mas também uma etapa fundamental no processo do conhecimento humano, “como só a vontade dos que querem o mesmo”<sup>35</sup>. Com isso, ao realizar essa convergência entre fé e razão, o bispo de Hipona visava alcançar um bem maior: a busca pela felicidade humana, conhecida como a *beata uita*<sup>36</sup>.

Essas reflexões demonstram como a interação entre fé e razão na teologia agostiniana não só enriquece o entendimento teológico, mas também fortalece a base racional da fé cristã, ao proporcionar uma compreensão profunda e integrada da vida espiritual e humana. Assim, Agostinho defendeu que as verdades reveladas nas *Sagradas Escrituras* servem como inspiração para um exame racional das questões de fé, pois somente pode crer aquele que possui razão. A razão é, portanto, a circunstância primária para a viabilidade da própria

---

<sup>34</sup> Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha. “Santo Agostinho: Fé e Razão na busca da Verdade”, *Perspectiva Teológica*, v. 44, n. 124, p. 415-245, 2012.

<sup>35</sup> Agostinho de Hipona, *De Trinitate*, XIII, II, 5. Ver em: Agostinho de Hipona, *A Trindade*, Trad. Agostinho Belmont, 2º ed. Coleção Patrística – 7, São Paulo, Paulus, 1997.

<sup>36</sup> Agostinho de Hipona, *Diálogo sobre a felicidade (De beata vita)*, Edição bilingue latim-português, Tradução do original latino, introdução e notas de Mário A. Santiago de Carvalho, Lisboa, Edições 70, 1988.



fé, visto que a “razão só alcança a verdade com o auxílio da fé. A razão é impotente para abarcar e esgotar a verdade”<sup>37</sup>.

De acordo com a teologia agostiniana, essas considerações destacam a importância da interação entre fé e razão não apenas como uma busca por entendimento intelectual, mas como um caminho para a verdadeira felicidade e plenitude espiritual. Entretanto, o bispo de Hipona argumenta que a razão, por si só, não é suficiente, pois é através da fé que a razão alcança a verdade plena. Logo, a fé, para Agostinho, é um ato de pensamento que conduz à inteligência, sendo essencial para a compreensão mais profunda da existência e do propósito humano<sup>38</sup>. No entanto, Agostinho reconhece o livre-arbítrio humano como uma faculdade que pode permitir a rejeição da fé, prejudicando o alcance da felicidade última.

Diante desse impasse, a verdadeira filosofia, segundo a visão do bispo de Hipona, não só explora os meios para alcançar a felicidade, mas também revela que fé e razão são intrinsecamente ligadas no caminho rumo à *beata uita*, à Verdade que satisfaz o homem. A busca por essa Verdade, conforme simbolizado na imagem do Deus-Trino<sup>39</sup>, implicaria na compreensão integral dos atos de fé como parte essencial da jornada espiritual e humana.

Em meio as querelas de sua época, Agostinho justificou o uso da razão provinda da filosofia pagã aludindo que “pertence aos cristãos tudo aquilo o que os pagãos disseram de bom”<sup>40</sup>, sendo que ambos os campos estão na busca por

---

<sup>37</sup> Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha, “Santo Agostinho: Fé e Razão na busca da Verdade”, *Perspectiva Teológica*, v. 44, n. 124, p. 415-245, 2012.

<sup>38</sup> Agostinho de Hipona, *De civitate Dei*, II, VIII, X; *De libero arbitrio*, II, 2, 6. Ver em: Agostinho de Hipona, *O livre-arbítrio*, Tradução, organização, introdução e notas de Ir. Nair de Assis Oliveira, São Paulo, Paulus, 1995.

<sup>39</sup> *Mateus* 28:19.

<sup>40</sup> Agostinho de Hipona, *De Doctrina Christiana*, II, 41, 60. Ver em: Agostinho de Hipona, *De Doctrina Christiana*, São Paulo, Paulus, 2002.



essa Verdade. Ainda mais, fora a aptidão exímia da retórica, também como herança helênica, que permitiu o bispo de Hipona comunicar essa Verdade mediante uma “[...] eloquência subordinada à sabedoria, sem a qual se torna perniciosa, na medida em que visa seduzir”<sup>41</sup>.

Desse interesse pela filosofia grega é que Agostinho encontrou as bases racionais para a explicação e exortação de suas dúvidas religiosas. A filosofia especulativa e racional, presente desde a Antiguidade Clássica, era utilizada para explicar a realidade, sendo a razão a ferramenta filosófica que distinguia os homens dos animais, definida pela linguagem e pelo pensamento. Dessa associação entre Cristianismo e filosofia neoplatônica emergiu a tradição de introspecção, que na perspectiva cristã de Agostinho se reconfigurou na prática de subordinação do Eu a Deus e à palavra criadora. Portanto, o *ethos* retórico do hiponense estabeleceu que toda Verdade emana de Deus e é a Ele a quem devemos obediência.

A concepção de fé e razão defendida por Agostinho perdurará por quase um milênio, influenciando diretamente os escritos posteriores. Nessa seara de pensamento, Agostinho “[...] apresenta ao mundo uma concepção de homem capaz de contemplar a Deus e, ao mesmo tempo, agir sob os ditames da razão, revestindo-se de um caráter autônomo, sem jamais atribuir fora de si a responsabilidade por suas ações, quer boas, quer más”<sup>42</sup>.

Para atingir este objetivo, Agostinho recorre à filosofia de Platão, obtendo assim uma visão que aparece propriamente qualificada como *platonismo cristão*. Com efeito, em todos os problemas fundamentais a matriz platônica pode ser claramente reconhecida: no problema do conhecimento, com a doutrina da *iluminação*; no problema

---

<sup>41</sup> Ivan Jr Baycer. “AVGVSTINVS HIPONENSIS, VIR CHRISTIANUS, DICENDI PERITUS: Análise das influências clássicas na proposta de formação oratória agostiniana”, *CODEX*, vol. 2, n. 2, p. 42-56, 2010.

<sup>42</sup> Jan G. J. Reegen; Noêmia de Souza Chaves, “Santo Agostinho e Kant: um encontro de pensamentos na categoria da autonomia”, *Revista Agora Filosófica*, v. 1, n. 1, p. 43-61, 2007.



antropológico, com a substancial identificação entre o ser do homem e a alma; no problema metafísico, com a teoria das *verdades eternas* (ideias) e das *actiones seminales*.; no problema ético, com a dura condenação de todo o prazer sensível e das paixões e de tudo aquilo que pertença ao mundo natural<sup>43</sup>.

Portanto, a interação entre fé e razão na teologia agostiniana não só enriqueceu o entendimento teológico, mas também forneceu uma base racional sólida para a fé cristã, promovendo uma compreensão mais profunda e integrada da vida espiritual e humana. A síntese entre esses elementos tornou-se uma característica duradoura da teologia cristã, moldando o pensamento religioso e filosófico por séculos.

Ademais, essa busca pela Verdade mediante a compreensão da fé e da razão pode ser encontrada na perspectiva teológica dos demais Pais da Igreja, como em Justino Mártir<sup>44</sup>. Para o teólogo romano, numa circularidade das ideias com as demais filosofias, como o platonismo peripatético<sup>45</sup> e o estoicismo, essa mesma verdade anunciada pela filosofia de Platão passa a ser representada na figura do Sumo Bem<sup>46</sup>.

---

<sup>43</sup> Vicente Eduardo Souza e Silva, “Da Patrística à Escolástica”, *Revista de Letras*, v. 12, n. 1, 201-211, 1998.

<sup>44</sup> Justino Mártir, *I Apol.*, I, 2; XXVIII, 3.

<sup>45</sup> O Platonismo remete às ideias defendidas por Platão (428-347), como uma posição filosófica, que “[...] afirma a existência objetiva de entidades ou estruturas a que se pode atribuir de modo exclusivo às características do Uno” (LUFT, 2014, p. 07). Essa corrente filosófica prega um dualismo entre o inteligível e o sensível, entre Uno (ideias) e Múltiplo (objetos sensíveis), em que o primeiro existe de forma predominante sobre o segundo. Assim, o conceito central do Platonismo é a existência de uma realidade que é perceptível e inteligível e de uma realidade que é imperceptível, mas inteligível. Nessa corrente é a razão que garante o melhor para o homem, é ela quem orienta a alma racional para o Bem, desde que movida pelo amor. “É por isso que, aliados no “amor ao saber”, Amor e Razão constituem motor e fim último do processo educativo” (José Trindade Santos, “Amor e Razão no projeto educativo da cidade platônica”, *Hypnos*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 295). Ver em: Eduardo Luft, “Platão ou Platonismo: um tópico em dialética descendente”, In: L. Rohden (org.), *Hermenêutica e Dialética: entre Gadamer e Platão*, São Paulo, Loyola, 2014, p. 65-90; José Trindade Santos, “Amor e Razão no projeto educativo da cidade platônica”, *Hypnos*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 295-301, 2015.

<sup>46</sup> Daniel Ribeiro de Almeida Chacon, “Fé cristã e filosofia na antiguidade tardia”, *Revista Intuito*, v. 12, p. 1-28, 2019.



Justino Mártir, ao defender a compatibilidade entre o Cristianismo e a filosofia, argumenta que a Verdade revelada por Cristo é a culminação das verdades parcialmente vislumbradas pelos filósofos gregos. Em sua visão, as sementes da verdade foram plantadas por Deus na mente humana, permitindo que os filósofos antigos percebessem fragmentos da Verdade divina. Essa perspectiva não só valida a filosofia clássica como uma preparação para o Evangelho, mas também reforça a ideia de que a fé cristã completa e transcende a sabedoria pagã. É nessa perspectiva que Justino Mártir defende que alcançam a felicidade todos aqueles que se desfazem dos bens aparentes e seguem o que parece duro e contra a razão<sup>47</sup>.

Ao considerar essa relação entre a filosofia e a teologia, Justino argumentou que a verdadeira sabedoria e o conhecimento são alcançados através da fé em Cristo, que é o Verbo encarnado. Ele vê a filosofia como uma busca legítima pela Verdade que encontra sua realização na mensagem cristã. Assim, Justino estabelece um diálogo entre a tradição filosófica grega e a fé cristã, demonstrando que ambas podem coexistir e se enriquecer mutuamente, assim como acredita que é seguindo o uso correto da razão é que o homem alcançará uma vida harmoniosa e feliz<sup>48</sup>.

Essa abordagem justiniana, portanto, não só reforça a importância da razão na compreensão da fé, mas também exemplifica como a integração de diferentes correntes filosóficas pode ampliar e aprofundar o entendimento teológico e a busca pela felicidade. Ademais, Justino Mártir, ao articular essa harmonia entre as verdades filosóficas e a revelação cristã, contribuiu significativamente para a tradição intelectual da Igreja, promovendo um diálogo fecundo entre a fé e a razão. Sua concepção teológica compreende que o homem

---

<sup>47</sup> Justino Mártir, *II Apol.*, LXIX-LXX.

<sup>48</sup> Justino Mártir, *II Apol.*, LXV.



virtuoso não é aquele que age em função do medo divino, mas sim porque a virtude é o verdadeiro caminho para a felicidade<sup>49</sup>.

Esse retorno ao tema da fé e da razão se faz necessário pois são por esses dois atributos que Justino construiu o seu pensamento na busca pela felicidade. Do mesmo modo, esse esforço de integrar e reconciliar diferentes fontes de sabedoria prossegue como uma característica definidora da teologia cristã, refletindo a busca contínua por uma compreensão mais profunda e plena da Verdade divina. Essa assimilação é o resultado de processos sincréticos aos quais nos referimos, posto que a concepção filosófica da divindade messiânica de Jesus Cristo formulada por Justino fora baseada no conceito de *Logos* estoico como ponto de partida. Intrinsecamente relacionadas, filosofia e revelação cristã engendram o desafio central da conciliação entre a revelação divina e a especulação racional. Assim, a filosofia dos gregos não é oposta à crença em Cristo, mas lhe propõe os caminhos da continuidade para compreender o mesmo objetivo: a mensagem da revelação<sup>50</sup>.

A busca pela felicidade também se destaca na filosofia patrística de Ambrósio de Milão, que enfatiza a necessidade de as virtudes estarem acima das paixões para que esse objetivo seja alcançado. Ambrósio argumenta que, ao atingir essa conduta, os homens encontrarão a Verdade, sendo que “o mais alto grau das virtudes é o que tem o pôr fim ao proveito da maioria, a moderação é com certeza a mais bela de todas”<sup>51</sup>. Dessa citação, depreende-se que a temperança, ou o domínio sobre as paixões aludido por Paulo de Tarso, é a conduta que o sujeito cristão deve adotar para alcançar a felicidade.

---

<sup>49</sup> Justino Mártir, *II Apol.*, LXX.

<sup>50</sup> Justino Mártir, *I Apol.*, I, XLVI, 2.

<sup>51</sup> Ambrósio de Milão. *Sobre a Penitência* Livro I, I, 1.



Esses homens, conhecidos como os Doutores da Igreja, deram seguimento às mensagens da “Boa Nova” e, adentrando nos campos da filosofia greco-romana, formalizaram a filosofia da Patrística. Eles são depositários da razão como esteio à doutrina cristã, expondo os tópicos fundamentais da vida em comunidade. Nos âmbitos do crer, propagar e defender, foram os vanguardeiros da fé cristã e produziram uma literatura escriturística baseada nos textos neotestamentários, responsável por fomentar a exegese bíblica. São guardiões do que foi iniciado por Fílon de Alexandria, sendo a doutrina filosófica de Agostinho de Hipona fruto desse entrecruzamento entre fé e razão, que resultou em uma base racional para o entendimento da fé cristã.

Ademais, o movimento dos Pais da Igreja foi composto por homens que dedicaram suas vidas à preservação da fé cristã e ao processo de institucionalização da Igreja e da identidade cristã. Eles foram essenciais na integração da filosofia com a teologia cristã, criando um alicerce duradouro para a doutrina e prática cristãs. A sinergia entre fé e razão que defendiam não apenas enriqueceu o entendimento teológico, mas também forneceu um fundamento racional para a doutrina cristã, promovendo uma compreensão mais profunda e integrada da vida espiritual e humana.

### Considerações finais

A influência desses Doutores da Igreja perdura até os dias atuais, destacando a relevância de suas contribuições para a teologia e a filosofia cristãs. Ao explorar a intersecção entre fé e razão, eles estabeleceram um modelo para o diálogo contínuo entre a tradição religiosa e a reflexão filosófica, um legado que continua a inspirar teólogos, filósofos e crentes ao redor do mundo. A busca pela Verdade, ancorada na integração harmoniosa entre a razão e a fé, permanece uma



pedra angular da tradição cristã, refletindo o compromisso com uma compreensão holística e profunda da existência humana e divina.

Dessa análise, compreendemos que a fé cristã é herdeira legítima dos mais altos valores da cultura pagã e judaica antiga, oferecendo um estudo metafísico racional sobre Deus que se conclui através do dogma, conceito que mais tarde será chamado de *Teodiceia* por Gottfried Leibniz (1710). Portanto, foi em “face aos desafios impostos pela racionalidade greco-romana, que o cristianismo refletiu sobre o conteúdo de sua própria fé, e a partir dela, desenvolveu uma interpretação singular dos dilemas essenciais que interpelavam a cultura filosófica da antiguidade tardia”<sup>52</sup>, sendo diante desse processo sincrético que emergiu a filosofia da Patrística.

Considerada filosofia e teologia revelada, a Patrística prezou pelo estabelecimento da Verdade advinda do divino e tinha como objetivo a orientação dos homens em suas questões morais e espirituais na formulação de uma conduta. Essa recondução de funções se inseriu na doutrina dos demais Pais da Igreja, que, através do discurso, buscavam “acalmar os que eram contrários, encorajar os menos fervorosos e esclarecer os ignorantes sobre os ensinamentos cristãos”<sup>53</sup>. Dessa homogeneização das condutas, emergiu o *ethos* de universalidade do povo cristão, como porta-vozes e intérpretes da Palavra de Cristo, diferentemente dos hipócritas nas portas das sinagogas, como alegado pela própria doutrina<sup>54</sup>. Logo, para os seguidores da “Boa Nova”, a Verdade tem origem nas *Sagradas Escrituras*, sendo ela o conhecimento absoluto, uma ciência.

---

<sup>52</sup> Daniel Ribeiro de Almeida Chacon, “Fé cristã e filosofia na antiguidade tardia”, *Revista Intuito*, v. 12, p. 1-28, 2019.

<sup>53</sup> Agostinho de Hipona, *De Doctrina Christiana*, IV, 4, 6.

<sup>54</sup> *Mateus* 6: 5-6.



Analisando essa linha de pensamento, percebemos que esse modelo de conduta propôs uma identidade pautada na ética e na felicidade, desde que guiadas pelo uso da razão. Dessa junção entre fé e razão, os representantes da Patrística fundamentam a verdade como algo que está intrinsecamente ligado à revelação divina e à busca pela compreensão da vontade de Deus, ao conciliarem a fé com a razão e reconhecendo que a verdade divina poderia ser alcançada tanto por meio da revelação quanto da reflexão racional.

Para os pensadores patrísticos, a verdade não era apenas uma questão de correspondência com a realidade objetiva, mas também envolvia a conformidade com os ensinamentos da fé cristã e a harmonia entre a razão e a revelação. A busca pela verdade na Patrística envolvia não apenas a compreensão intelectual, mas também a adesão espiritual e moral aos princípios cristãos.

Essa conduta, moderada pela razão, diverge daqueles que se deixam guiar pelo concupiscível, em que o apetite sensitivo aflora ao corpo mediante a prática de atos profanos. No imaginário cristão, nesse estado pecaminoso, os sujeitos são relegados à margem da sociedade. Portanto, a identidade correta do indivíduo cristão, conforme pregada por esses discursos, só pode ser compreendida mediante a alteridade daquele que pratica o ato pecaminoso, similar à conduta de Adão e Eva no símbolo do pecado original.

Outro dilema que aparece na seara teológica e filosófica desses pensadores é a concepção da busca pela Verdade e a sua assimilação com a felicidade. Justino Mártir, por exemplo, enfatiza que a verdadeira filosofia deve explorar os meios para alcançar a felicidade, revelando que fé e razão estão intrinsecamente ligadas nessa busca. A Verdade, simbolizada na imagem do Deus-Trino, é considerada essencial para a satisfação do ser humano.



A felicidade, ou *beata uita*, é vista como o fim último da vida humana. Os Pais da Igreja, como Agostinho, defendem que a verdadeira felicidade não pode ser alcançada apenas pela razão ou pela fé isoladamente, mas sim pela interação entre ambas. A razão ajuda a entender a fé, enquanto a fé ilumina a razão, permitindo uma compreensão mais profunda do propósito humano e da existência. Assim, a relação entre fé, razão e felicidade nos escritos dos Pais da Igreja é uma busca por uma vida harmoniosa e plena, onde a fé e a razão se unem para guiar o ser humano em direção à Verdade e à verdadeira felicidade.

Essas considerações destacam como a interação entre fé e razão na teologia patrística não só enriqueceu o entendimento teológico, mas também fortaleceu a base racional da fé cristã. Proporcionou uma compreensão mais profunda e integrada da vida espiritual e humana, estabelecendo um legado duradouro que continua a influenciar a teologia e a filosofia cristãs até os dias atuais. A busca pela Verdade, ancorada na harmoniosa integração entre razão e fé, permanece uma pedra angular da tradição cristã, refletindo o compromisso com uma compreensão holística e profunda da existência humana e divina.